

## A marcha (irreversível) contra o aquecimento global

*MALTA, Sérgio. "A marcha (irreversível) contra o aquecimento global". Agência CanalEnergia. Rio de Janeiro, 04 de setembro de 2017.*

Ainda é cedo para dizer quais serão os efeitos da decisão dos Estados Unidos, anunciada em junho, de sair do Acordo de Paris. O pacto de combate ao aquecimento global foi ratificado por 196 países, e estabelece o compromisso de todos em promover ações que limitem o aumento da temperatura global ao teto máximo de 2°C em relação aos níveis da era pré-industrial. No entanto, é possível afirmar que a transição energética para uma economia de baixo carbono é uma realidade sem volta. E que reverter esse movimento é altamente improvável, para não dizer impossível.

Dados divulgados recentemente mostram a dimensão da mudança no perfil das maiores economias globais. O relatório World Energy Balances, lançado neste mês pela Agência Internacional de Energia (AIE), mostra que, pela primeira vez na história, a participação do gás natural na geração de energia elétrica foi equivalente à do carvão nos países da OCDE.

Esse marco histórico é resultado da crescente substituição do carvão por sua alternativa menos poluente na geração elétrica. De maneira geral, a produção de carvão vem caindo de forma expressiva, mesmo na China, que é responsável por cerca de metade da produção e do consumo desse combustível. Apenas em 2016, a queda foi de 9% no país.

Ao mesmo tempo, há um aumento significativo do uso de fontes não fósseis. Nos países da OCDE, a geração a partir de fontes renováveis aumentou 3,8% no último ano, respondendo por 23,8% da eletricidade total gerada, a maior participação até hoje.

Mesmo nos Estados Unidos, que agora aparece no noticiário como vilão dos esforços contra o aquecimento global, a transição acontece a olhos vistos. Em março deste ano, pela primeira vez, eólica e solar fotovoltaica responderam por 10% da geração de eletricidade no país, segundo levantamento da Bloomberg New Energy Finance. Difícil imaginar que possa abrir mão de fontes responsáveis por uma parcela tão relevante do consumo de energia.

Isso acontece não apenas por acordos e pactos internacionais, mas porque as fontes renováveis estão se tornando cada vez mais lucrativas. O impulso já deixou de ser dado apenas por governos e foi assumido pelas empresas. As corporações perceberam que as medidas, além de necessárias para a sobrevivência da espécie humana no planeta, representam uma importante oportunidade de negócios.

A luta pela preservação da espécie humana no planeta, portanto, continua cada vez mais viva.

**Sergio Malta é presidente do Sindicato Interestadual da Indústria de Energia Elétrica (Sinergia) e diretor do Comitê Brasileiro do Conselho Mundial de Energia**